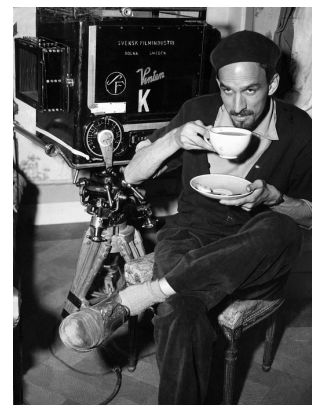


Ingmar BERGMAN _ A Infância e a Dança da Morte (de Fevereiro a Julho de 2015)

No primeiro trimestre de 2008, integrado na rubrica *Já Não Há Cinéfilos?!*, o Cineclube de Joane exibiu três das obras primas de Bergman – **O Silêncio**, **Persona**, **Lágrimas e Suspiros** – num ciclo intitulado *As Mulheres de Bergman* (1). No primeiro semestre de 2015, voltaremos ao gigante sueco, beneficiando da reposição de dezassete (!) obras no circuito comercial, das quais nos propomos exibir seis, em parte concentradas na fase inicial da obra (nos anos 50) e dois deles na primeira despedida de Bergman do Cinema, em que se observarão enoveladas duas temáticas incontornáveis no universo bergmaniano: a influência das vivências da infância na construção da sua obra e a permanente presença da morte.



Mónica e o Desejo de Ingmar Bergman (Fev.2015)

Sommaren Med Monika (Suécia, 1953) "Mónica e o Desejo" marcou, de forma impressionante, os cineastas da "nouvelle vague". Meio século depois da estreia, a sua modernidade continua a ser uma das referências desta obra-prima de Ingmar Bergman, que conta a paixão de dois adolescentes que fogem das respectivas famílias para procurar as ilusões da felicidade pelas ilhas do arquipélago. [Cinemateca Portuguesa]



Um Verão de Amor de Ingmar Bergman (Mar.2015)

Sommarlek (Suécia, 1951) "Sommarlek é o mais belo dos filmes", escreveu Jean-Luc Godard quando o filme se estreou. Talvez seja mesmo. Baseado num romance que escreveu quando era muito novo, Bergman visita o tempo dos morangos e do amor absoluto. Sabendo que tudo isso acabou e que nada volta mais. E os amores que regressam nunca são iguais aos amores que foram. Mas a única fidelidade à morte é a vida. [Cinemateca Portuguesa]



O Sétimo Selo de Ingmar Bergman (Abr.2015)

Det Sjunde Inseplet (Suécia, 1956) Um dos mais célebres e paradigmáticos filmes de Bergman. De volta das Cruzadas, um cavaleiro vê o seu país física e espiritualmente devastado. Depois encontra uma estranha e enigmática personagem, a Morte, com a qual, no decurso de uma longa partida de xadrez, aborda diversas questões, sobre a fé e a dúvida, que permanecem sem resposta. [Cinemateca Portuguesa]



Morangos Silvestres de Ingmar Bergman (Mai.2015)

Smultronstället (Suécia, 1957) Um professor jubilado (a perfeita homenagem a Sjöström) evoca o seu passado durante a viagem para a cerimónia. O encontro dos dois nomes maiores do cinema sueco, o clássico Sjöström e o moderno Bergman (que tanto foi beber ao primeiro), numa das mais belas meditações sobre a vida e a velhice que o cinema nos deu. [Cinemateca Portuguesa]



Da Vida das Marionetas de Ingmar Bergman

Aus dem Leben der Marionetten (Suécia, 1980) Um dos mais estranhos e sombrios filmes de Ingmar Bergman, sobre um homem que mata uma prostituta, e cujas complexas motivações vão ser exaustivamente analisadas pelo psiquiatra que o trata. Ambientado em Munique, é maioritariamente um filme a preto e branco, a "cor" dos seus flashbacks narrativos. [Cinemateca Portuguesa]



Fanny e Alexandre de Ingmar Bergman

Fanny och Alexander (Suécia, 1982) Um filme mágico, em que Bergman evoca a sua infância e o confronto entre o mundo epicurista, do prazer e alegria familiar (a genial sequência do Natal) e a rigidez do puritanismo do padrasto. O "testamento" de Bergman (no cinema) é um dos seus filmes mais deslumbrantes. [Cinemateca Portuguesa]



(1) As Mulheres de BERGMAN

Quando lançamos a rubrica *Já Não Há Cinéfilos?!*, em Outubro de 2007, estipulamos que estes ciclos, dedicados aos realizadores incontornáveis da história do Cinema, contabilizariam três filmes, pretendendo-se com a escolha das obras fazer uma súpula possível da obra do autor. Aquando do referido lançamento, deixávamos o aviso que para alguns realizadores abarcar o essencial da obra com três filmes seria uma tarefa inenquívica. Se há um realizador em que esta ressalva é necessária, esse realizador é Ingmar Bergman, um dos maiores autores da história do cinema, recentemente desaparecido. Bergman realizou cerca de 60 filmes, entre trabalhos para cinema e televisão e, pensamos que para fazer um ciclo representativo da obra deste singular sueco, seria necessário programar cerca de 20 filmes. Portanto, libertados desse peso monumental, resta-nos perguntar: por onde começar?

O Cineclube de Joane, neste ciclo de três filmes, decidiu que a porta de entrada para a obra de Bergman, seria as suas mulheres, as suas atrizes, as personagens femininas que só ele sabia construir. Ao longo dos quase 60 anos de carreira, Bergman criou uma relação muito próxima com várias atrizes, em que muitas delas partilharam também a sua vida íntima, e que se tornaram intérpretes importantes porque passaram pelo cinema de Bergman, muitas delas atravessando todas as fases da sua vasta

filmografia. Alguns exemplos flagrantes: Harriet Andersson, Eva Dahlebeck (nos anos 50), Bibi Andersson, Ingrid Thulin, Gunnel Lindblom e Liv Ullmann. É óbvio que Ingmar Bergman construiu grandes personagens masculinos e uma grande afinidade com alguns actores, sendo que os mais representativos são Max von Sydow, Erland Josephson e, principalmente, Gunnar Bjornstrand que, a exemplo de algumas atrizes referidas acima, percorre toda a obra do realizador sueco.

Justificando o título da projecção deste segmento da obra de Bergman, seleccionamos três filmes em que os homens, os personagens masculinos, são praticamente inexistentes ou muito pouco significativos. (...) Estes três filmes representam, na nossa opinião, o apogeu na obra do realizador. São obras que lidam com a morte, com a doença, com o contágio, seja ele físico ou mental. No período compreendido entre 1963 e 1972, vinte anos após os seus primeiros filmes, e apesar de, antes de **O Silêncio**, Bergman já ter editado algumas obras primas - **Um Verão de Amor**, **Mónica e o Desejo**, **Sorrisos Numa Noite de Verão**, **Morangos Silvestres**, **O Sétimo Selo**, pensamos que foi neste período que o cineasta sueco impôs definitivamente a sua marca, a sua singularidade, explorando vastos territórios na composição dos personagens, no trabalho com os actores, na utilização do espaço e dos cenários. (...)